



O PROBLEMA DO MAL E DO SOFRIMENTO

THE PROBLEM OF EVIL AND SUFFERING

Bruno Almeida Miara¹
Hartmut August²
Arthur W. Dück³

RESUMO

O presente trabalho trata do problema do mal e do sofrimento e suas objeções à existência de Deus. A proposta inicial é verificar se realmente a existência do mal anula a existência de Deus. A partir da metodologia de pesquisa bibliográfica foi desenvolvida uma abordagem histórica, filosófica e teológica sobre o tema. Ao longo do trabalho ficou constatado que a existência do mal não consegue provar de maneira cabal que Deus não existe. O argumento filosófico do mal contra Deus se mostrou não ser a principal fonte que leva a negação de Deus, também ficou evidenciado que o deus retratado pelo presente argumento não é o mesmo Deus relatado na Bíblia. Neste sentido o trabalho foi direcionado para uma abordagem bíblica sobre o problema do mal e do sofrimento com o intuito de verificar como a Bíblia lida com a questão. No decorrer do processo o problema do mal se mostrou muito mais sério do que uma objeção intelectual, o qual pede por uma solução que vá além de uma mera resposta intelectual satisfatória ao argumento filosófico do mal. É na busca de uma solução mais abrangente que vá além de teorias e argumentos meramente intelectuais que o trabalho foi desenvolvido.

PALAVRAS-CHAVE: Mal. Sofrimento. Ateísmo. Bíblia. Deus. Justiça.

ABSTRACT

This paper addresses the problematic of evil and suffering and its objections concerning the existence of God. The initial proposal is to inquire if the existence of evil negate the existence of God. A historical, philosophical, and theological approach has been developed from the methodology of the bibliographic research regarding the proposed theme. Throughout the work, it has been found that the existence of evil cannot thoroughly prove the inexistence of God. The

¹ Bacharel em teologia pela Faculdade Fidelis. bruno.Miara@fidelis.edu.br

² Doutor e mestre em teologia pela PUC-PR. Docente no curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. hartmut.august@fidelis.edu.br

³ Doutor em Estudos Interculturais - *Trinity International University* (EUA). Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. arthur.duck@fidelis.edu.br

philosophical argument of evil against God, is not the main source that leads to the negation of God. Furthermore, it has become evident that the image of god given by this argument is not the same image of the God given by the bible. Here the paper took an approach that sought a biblical analysis about the problem of evil and suffering, with the intent to verify how the Bible deals with the question. It has been realized along the development of the paper, that the problem of evil has proven itself a lot more serious than only an intellectual objection, which requires a solution that goes beyond the mere satisfactory intellectual answer to the philosophical argument of evil. Thus this paper has been made, seeking a more in-depth solution that goes beyond theories and arguments of the intellectual sort.

KEYWORDS: Evil. Suffering. Atheism. Bible. God. Justice.

INTRODUÇÃO

A existência do mal e do sofrimento é vista por muitos como a maior prova de que Deus não existe. Esta temática é antiga e vem acompanhando a humanidade em sua história. Ao longo da caminhada cristã do autor muitas pessoas se depararam com ele com esta dúvida que aparentemente não possui uma explicação plausível.

Esta problemática se mostra um grande empecilho para pessoas se relacionarem com Deus e faz com que muitos o rejeitem. O pensamento do filósofo Luc Ferry retrata bem a objeção que a problemática do mal levanta contra a existência de Deus:

Primeiramente — e antes de tudo — porque a promessa que as religiões nos fazem para acalmar as angústias da morte, a saber, aquela segundo a qual somos imortais e vamos reencontrar depois da morte biológica os que amamos, é, como se diz, boa demais para ser verdadeira. Boa demais e muito pouco crível a imagem de um Deus que seria como um pai para os filhos. Como conciliá-la com a insuportável repetição dos massacres e das desgraças que se abatem sobre a humanidade: que pai deixaria seus filhos no inferno de Auschwitz, de Ruanda, do Camboja? (FERRY, 2012, p. 14).

Será que negar a existência de Deus e viver uma vida sem Ele resolve o problema? Infelizmente diante da dura realidade do sofrimento muitos têm escolhido negar que Deus existe, pois a maioria evita o sofrimento a qualquer custo:

O que desejamos, de fato, acima de tudo? Não queremos ficar sozinhos, queremos ser compreendidos, amados, não queremos ficar separados dos próximos, em resumo, não queremos morrer, nem que eles morram. Ora, a existência real, um dia ou outro, frustra todas essas expectativas. É, pois, na confiança em um Deus que alguns procuram a salvação, e as religiões nos asseguram que eles a conseguirão. Por que não, se a pessoa crê nisso e tem fé? Mas, para aqueles que não estão convencidos, para aqueles que duvidam da veracidade dessas promessas, o problema, é claro, permanece (FERRY, 2012, p. 10,11).

Quando o ser humano é confrontado pela realidade do mal e do sofrimento surge uma tensão: confiar em Deus ou duvidar? Muitos quando são confrontados com o mal escolhem duvidar da existência de Deus, pois não conseguem encaixá-lo em sua concepção de como Deus deveria ser e agir, ou seja, Deus deveria agir somente com o que se entende por amor, bondade e em hipótese alguma poderia permitir o sofrimento e a maldade.

A pandemia do novo coronavírus amplificou ainda mais a temática, de acordo com Wright: "O mesmo questionamento ecoa através dos séculos, com cada nova tragédia: Por que Deus permitiu? Por que não interveio e impediu o desastre?" Provavelmente esses questionamentos estão potencializados atualmente e, neste sentido, este estudo é direcionado para ajudar as pessoas que têm dúvidas e dificuldades em se relacionar com Deus por causa desta aparente afronta inexplicável à existência de Deus (WRIGHT, 2020, p. 32).

A grande problemática acerca do assunto engloba as seguintes questões: Se Deus existe por que existe o mal e o sofrimento? Deus criou o Mal? Se o Mal existe Deus não existe? O presente trabalho busca verificar se realmente isto é uma evidência de que Deus não existe ou é uma concepção errada do ser humano para com Deus.

O estudo do tema será feito por meio de uma abordagem histórica, teológica e filosófica por meio de pesquisas bibliográficas, visando analisar o problema do mal e as objeções para o relacionamento e a crença em Deus. O percurso proposto será descrever o problema do mal e do sofrimento, analisar o conceito da teodiceia, buscar uma melhor compreensão acerca de Deus através de uma abordagem bíblica sobre o assunto, e, por fim, demonstrar a perspectiva cristã para o problema do mal e do sofrimento.

1 O PROBLEMA DO MAL E DO SOFRIMENTO

O mal sem dúvida é uma questão que intriga o ser humano e causa muitos sentimentos de indignação e repulsa e acaba por atingir de maneira geral toda a humanidade, pois: "Viver significa sofrer dores. Nenhum ser humano escapa da experiência da dor física ou emocional. A dor é parte intrínseca da nossa existência. Causamos dor e experimentamos dor a partir do nosso nascimento e, periodicamente, de uma forma ou de outra, por toda vida" (NICHOLI, 2005, p. 201).

Sayão afirma que de maneira geral existem dois tipos de mal: o moral e o físico. O moral que engloba o senso de justiça e injustiça e o físico que engloba a questão do sofrimento. Além destas duas definições acerca do mal existe uma definição mais abrangente que defende que o

mal é evidenciado pela ideia de tudo aquilo que é contrário à noção de bem e bem-estar do indivíduo, tudo o que contrariar essa noção é mal e não deve existir (SAYÃO, 2012, p. 23).

Quando se fala em mal normalmente a palavra é utilizada de maneira genérica, mas existe uma classificação mais ampla que busca categorizar o mal em quatro especificações distintas: O mal originado por seres humanos que é manifesto através do pecado, o mal como dor física, angústia e sofrimento psicológico, o mal natural o qual se dá através de epidemias, terremotos entre outras formas e o mal metafísico que aponta para a situação constante de imperfeição dos seres criados. (HICK, 1967 *apud* SAYÃO, 2012, p. 136).

É inegável que o mal está presente no mundo em suas multifaces, mas não são todas as cosmovisões que veem a necessidade de explicar o mal e o sofrimento. Já para uma cosmovisão teísta o problema do mal sem dúvida é um dilema complexo que exige uma explicação, pois: "a rigor, a desgraça humana, ou o mal em todas as suas formas, é um problema somente para a pessoa que crê num Deus único, onipotente e todo amoroso" (ANDERSEN, 1984 *apud* SAYÃO, 2012, p. 26).

C. S. Lewis no mesmo pensamento destaca que o problema do sofrimento humano de maneira geral está no fato de que: "Se Deus fosse bom, Ele desejaria fazer suas criaturas perfeitamente felizes, e se Deus fosse todo-poderoso poderia fazer tudo o que quisesse. Mas as criaturas não são felizes. Portanto, falta a Deus bondade, poder, ou ambas essas coisas" (C. S. LEWIS, 1986, p. 12). Novamente é visível que este problema deveria ser um incômodo somente para quem crê em um Deus todo bondoso e onipotente.

Apesar do mal e o sofrimento serem uma questão incômoda para o teísmo, esta problemática tem incomodado muitas pessoas não cristãs e isto se dá pelo fato de que o "Mal ainda permanece um problema para os sistemas de pensamento não teístas, pelo menos no que diz respeito à questão do sofrimento, mas quase nunca no sentido lógico e moral" (SAYÃO, 2012, p. 26). A existência do sofrimento e do mal se tornaram a grande base para a negação de Deus e formam a base do Ateísmo (SAYÃO, 2012, p. 32).

A força que a temática do argumento do mal possui hoje leva a pensar que isso é algo do momento, mas essa não é uma temática que surgiu recentemente, pelo contrário, ela já está a um longo tempo introduzida no pensamento do ser humano, de acordo com Keller:

A discussão em torno da relação de Deus com o mal é, no mínimo, tão antiga quanto o filósofo grego Epicuro, que propôs essa questão três séculos antes de Cristo. [...] apesar das discussões filosóficas, o argumento do mal só veio a despertar o interesse popular e uma atração mais ampla após o Iluminismo (KELLER, 2016, p. 124).

A questão proposta por Epicuro trabalha com a tensão entre a existência do mal em contraste com a onipotência e bondade de Deus. É através dessa tensão que o argumento filosófico ganha força e parece não ter solução.

Quando se fala no argumento do mal contra Deus de maneira geral os questionamentos giram em torno das clássicas indagações de Epicuro:

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus. Donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede? (PESSANHA, 1985, p. 64).

O argumento do mal contra Deus é considerado por muitos a maior barreira para a existência de Deus. O filósofo David Hume⁴ neste pensamento fez uma releitura do argumento de Epicuro e afirmou que: “As antigas perguntas de Epicuro continuam sem resposta.” (HUME, 1980 *apud* KELLER, 2016, p. 123).

Hume foi um crítico da religião o que ajuda a compreender o motivo pelo qual ele traz à tona novamente a temática do argumento do mal:

Um dos primeiros autores a examinar a crença religiosa puramente como uma manifestação da natureza humana, sem pressupor a crença na existência de Deus [...] Ao questionar a religião de forma mais radical do que seus predecessores, Hume trata todas as crenças religiosas como mero produto da natureza humana (CONTE, 2005 *apud* HUME, 2005, p. 25).

A releitura de Hume sobre o assunto demonstra como o argumento do mal, mais cedo ou mais tarde, acaba reaparecendo na história.

Na modernidade já são vistos indícios de uma mudança no comportamento humano em relação a Deus, o que acaba por fortalecer o argumento do mal contra Deus, de acordo com Lewis:

O homem de antigamente aproximava-se de Deus (ou dos deuses) tal qual um acusado se aproxima do juiz. Para o homem moderno, os papéis são invertidos. Ele é o juiz; Deus está no banco dos réus. E ele é um juiz bastante gentil. Se Deus apresentar uma justificativa razoável para permitir guerras, pobreza e doenças, o homem está pronto para ouvi-lo. O julgamento pode até mesmo terminar em absolvição. Porém, o

⁴ Hume foi um dos mais famosos defensores do Empirismo os quais se caracterizam por afirmar que: “a razão, a verdade e as ideias racionais são adquiridos através da experiência. Antes da experiência, dizem eles, nossa razão é como uma “folha em branco”, onde nada foi escrito; uma “tábula rasa”, onde nada foi gravado. Somos como uma cera sem forma e sem nada impresso nela, até que a experiência venha escrever na folha, gravar na tábula, dar forma à cera”. É perigoso o extremo de crer somente naquilo que pode ser provado pela experiência humana podendo levar o indivíduo ao ateísmo (CHAUÍ, 2000, p. 88).

importante é que o homem esteja na tribuna e que Deus esteja no banco dos réus (LEWIS, 1970, p. 300).

Juntamente com a mudança do pensamento humano ocorreu uma inversão de papéis entre Deus e o homem o que resultou na ascensão do homem como o centro de tudo. O homem passou a ser um juiz que levanta uma série de questionamentos acerca de Deus e de sua existência.

O Iluminismo fez com que o problema do mal se tornasse popular, atrativo e mais influente, pois contribuiu para o distanciamento de Deus em relação ao ser humano e assim introduziu o racionalismo como forma de ver o mundo. Os avanços tecnológicos também deixaram sua contribuição, tornando o ser humano autossuficiente. Todo esse quadro levou os seres humanos a uma confiança demasiada em si mesmos e naquilo que podem fazer através da razão. O pensamento humano pós-moderno possui uma forte herança do pensamento iluminista (KELLER, 2016, p. 124-125).

Os resultados do Iluminismo não são criticados somente por teólogos, mas também por filósofos como, por exemplo, os da Escola de Frankfurt os quais:

Descreveram a racionalidade ocidental como instrumentalização da razão [...] A razão instrumental – que os frankfurtianos, como Adorno, Marcuse e Horkheimer também designaram com a expressão razão iluminista – nasce quando o sujeito do conhecimento toma a decisão de que conhecer é dominar e controlar a Natureza e os seres humanos (CHAUI, 2000, p. 360).

O racionalismo exacerbado além de interferir na crença em Deus leva o homem a dominar e controlar os seus semelhantes e a natureza a qualquer custo.

Como resultado Deus e a crença em sua existência atualmente têm sido ampla e intensamente atacados devido às mudanças no pensamento humano. Essa realidade tem impactado diretamente no relacionamento, na postura e na crença do homem para com Deus os quais têm sido afetados seriamente, conforme Keller:

As discussões atuais sobre o problema do sofrimento começam com um Deus abstrato que, de acordo com o argumento, é todo-poderoso e todo-bondoso, mas não é glorioso, majestoso, infinitamente sábio, nem um Deus que não teve uma origem, o criador e sustentador de todas as coisas. Não é de admirar, então, que hoje as pessoas estejam mais inclinadas do que seus antepassados a achar que, se elas não conseguem encontrar um bom motivo para determinada circunstância de sofrimento, Deus também não pode ter uma razão que o justifique (KELLER, 2016, p. 125).

A visão que uma pessoa possui de Deus é construída em grande parte a partir do meio em que ela vive, o que muitas vezes gera a visão de um Deus abstrato. A ideia abstrata da

divindade aliada à ênfase atual na questão do mal e sofrimento, acaba por gerar um grave empecilho para a crença em Deus (KELLER, 2016, p. 124-125).

Segundo Keller, o argumento do mal contra a existência de Deus aparece no sentido filosófico em duas formas: “Argumento lógico (busca provar que tal Deus seguramente não existe) e a outra forma é o argumento evidencial (defendendo que um Deus assim provavelmente não existe)” (KELLER, 2016, p. 127).

O argumento lógico já teve grande força e até 1980 era tido como um argumento robusto para a negação da existência de Deus, John Mackie retrata bem o pensamento da época “É possível mostrar que as crenças religiosas, além de carecerem de apoio racional, são positivamente irracionais, e que várias partes da doutrina teológica essencial são inconsistentes entre si” (MACKIE, 2000 apud KELLER, 2016, p. 127). O cenário começou a mudar com os escritos de Alvin Plantinga que afirmou: “A existência do mal não é logicamente incompatível (mesmo num sentido lógico mais amplo) com a existência de um Deus onipotente, onisciente e perfeitamente bom” (PLANTINGA, 1974 apud KELLER, 2016, p. 127). Com o passar do tempo houve uma grande concordância de que o argumento lógico não havia cumprido seu papel. William Alston afirma que a ideia da negação de Deus por causa do mal: “É hoje reconhecida por (quase) todos como totalmente falida” (ALSTON, 1991 apud KELLER, 2016, p. 127).

Diante da falência dessa ideia alguns estudiosos não contentes com o fracasso do argumento lógico passaram a desenvolver um novo argumento o chamado argumento evidencial. Esse argumento se mostrou mais incompetente do que o anterior dizendo que “O sofrimento não é uma prova, e sim uma evidência que torna a existência de Deus menos provável, embora não a torne impossível”. O argumento evidencial não afirma que o mal é uma prova lógica de que Deus não existe, mas sim que o mal é algo que diminui as chances de um Deus onipotente, bondoso e amoroso existir. Essa mudança de pensamento no mundo acadêmico fez com que esses argumentos não fossem mais amplamente aceitos como anteriormente, mas a questão do mal e da existência de Deus ainda estão bem presentes no dia a dia das pessoas (KELLER, 2016, p. 127).

O argumento lógico propõe questões que se resumem ao fato de que se Deus é bom, não desejaria que o mal existisse e se Deus é onipotente, não permitiria o mal. Este argumento deixa de lado o fato de que Deus pode ter bons motivos para permitir o sofrimento, pois às vezes os sofrimentos que aparentemente parecem causar apenas o mal possuem uma finalidade benéfica

como, por exemplo, o processo doloroso de um tratamento médico que no fim trará um grande benefício.

Outra objeção que pode ser levantada é a de que existem sofrimentos de alta intensidade e sem um fim benéfico, pois muitos sofrimentos atuais no mundo parecem injustos e sem justificativa, porém esta afirmativa leva novamente à questão de que se o indivíduo não vê razões para que Deus permita o mal, Deus não poderia em hipótese alguma permiti-lo. O argumento se contradiz em si mesmo, pois ao mesmo tempo que retrata Deus como onipotente limita Deus e seu poder, exigindo que Ele aja conforme a vontade e o entendimento do ser humano. Um Deus que é onipotente e poderoso não é mais conhecedor do que o ser humano?

A insistência em afirmar que o ser humano sabe tanto quanto Deus sobre a vida e as questões históricas é definida por Keller como "falácia lógica". Essa afirmação é fruto da confiança demasiada na razão e na capacidade humana, pois sugere que se o ser humano não possui capacidade de entender determinado assunto, Deus também não possui. Se o ser humano não compreende o mal, logo Deus não poderia permitir sua existência. Igualar a mente do homem à mente de Deus é soberba desmedida e demonstra uma confiança demasiada em si mesmo.

De maneira semelhante o argumento evidencial possui basicamente a mesma falha que o argumento lógico e cai na mesma falácia de que se o ser humano não compreende as razões para que Deus permita o mal, logo Deus não podia permiti-lo e novamente Deus é limitado a agir somente de maneiras que o ser humano compreenda. Limitar Deus ao entendimento humano é no mínimo perigoso (KELLER, 2016, p. 136-141).

Diferente dos argumentos lógico e evidencial que são de caráter filosófico, existe um argumento chamado de argumento visceral do mal, ou seja, um argumento que demonstra que o que leva uma pessoa a negar a existência de Deus normalmente não se dá por alguma ideia filosófica, mas sim por causa de uma experiência própria com algum tipo de maldade. Este argumento é resumido pela relutância em crer em um Deus que permite que maldades ocorram seja na vida do próprio indivíduo ou na vida de pessoas próximas. (KELLER, 2016, p. 143-145).

O argumento visceral não é apenas emoção, pois possui um tipo de fundamento lógico baseado no senso moral de cada indivíduo. Não são todas as pessoas que reagem ao mal negando Deus, mas as que reagem desta forma reagem baseadas no senso moral que possuem e questionam por que Deus permite tais acontecimentos.

Levando em conta o aspecto moral do ser humano surge a pergunta: De onde vêm a noção do que é certo e errado e de bem e mal? Este argumento por mais convincente que pareça, por envolver experiências pessoais da vida, acaba por se desfazer, pois é construído com base na existência de um Deus⁵ que de certa forma é conivente com o mal ou que não se importa com a vida do indivíduo, mas mesmo assim para a existência do argumento é preciso admitir a existência de um Deus, ou seja, tenta-se negar a existência de Deus admitindo que Ele existe e por algum motivo permite o mal que aflige e indigna determinado indivíduo.

Keller chama essa reviravolta presente no argumento visceral de "efeito bumerangue", pois o fato de o ser humano ter consciência do que é bem e mal, de se revoltar com a maldade e buscar evitar a prática do mal é um argumento que aponta para a existência de um Deus que é bom e que deseja que suas criaturas não pratiquem o mal. É de grande valia repensar esse argumento e analisá-lo a partir dos seguintes questionamentos: Será que a existência do mal e do sofrimento não fazem a existência de Deus mais plausível? Abandonar Deus e negar a sua existência resolve os sofrimentos e males sem sentido do mundo e da vida particular do indivíduo? (KELLER, 2016, p. 142-148).

Erickson não classifica o problema do mal como filosófico como Keller faz em grande parte de sua abordagem, mas o classifica em duas categorias a religiosa e a teológica:

Em geral, a forma religiosa do problema do mal ocorre quando algum aspecto específico da experiência do indivíduo o faz questionar a grandeza ou a bondade de Deus, e, portanto, ameaça o relacionamento entre o crente e Deus. A forma teológica do problema preocupa-se com o mal em geral [...] a pessoa a quem um mal específico esteja apresentando uma dificuldade religiosa pode precisar mais de cuidado pastoral que de ajuda para resolver problemas intelectuais (ERICKSON 2002, p. 184).

A abordagem de Erickson mostra como o problema do mal pode ser abrangente não atingindo apenas o ateu, mas também as pessoas que creem em Deus. E neste sentido é de extrema importância identificar a maneira que o problema do mal está atuando na vida da pessoa para melhor ajudá-la.

Diferente de Keller e Erickson, Wright não faz uma classificação específica do problema do mal, mas aborda o problema de maneira diferente, enxergando-o como produto da história da sociedade ocidental o qual é definido por ele como o novo problema do mal, que é composto

⁵ C. S. Lewis é um exemplo do efeito bumerangue foi por meio da controvérsia moral que ele abandonou o ateísmo e passou a crer em Deus, Lewis afirma: “Em suma, a não ser que reconheçamos a realidade suprema como moral, não podemos moralmente condená-la” (Lewis, 1967, apud KELLER, 2016, p. 147). O exemplo de Lewis não é regra para todos, pois o reconhecimento do senso moral não obriga necessariamente que o indivíduo venha a crer em Deus: “O reconhecimento que o homem tem do Sumo Bem e a sua busca de uma ideal moral exigem e necessitam a existência de um ser santo e justo, mas não torna obrigatória a crença em um Deus, em um Criador ou em um Ser de infinitas perfeições” (BERKHOF, 2007, p. 18).

por três pontos principais: "Primeiro, ignoramos o mal quando ele não nos atinge diretamente. Segundo nos surpreendemos quando o mal nos alcança e, terceiro, reagimos de forma imatura e perigosa". Para Wright isso explica a grande dificuldade enfrentada atualmente quando se tenta fazer algo a respeito do mal (WRIGHT, 2009, p. 21).

Tendo em vista que o argumento do mal se manifesta de maneira abrangente de modo filosófico, teológico, religioso e como produto do pensamento construído ao longo da história, faz sentido ficar apenas elaborando teorias que visam justificar Deus no intuito de resolver somente a questão filosófica do problema do mal?

2 TEODICEIAS

A palavra teodiceia tem sua origem no século XVIII: "Foi cunhada em 1710 pelo filósofo alemão Gottfried Leibnitz (1646-1716). Seu sentido é "justificação de Deus" (do grego θεός "Deus" e δικη "justiça")" A teodiceia surge como uma resposta teísta na tentativa de conciliar o problema do mal com a existência de um Deus todo-poderoso, bondoso e amoroso (SAYÃO, 2012, p. 26).

Keller concorda atribuindo a origem do termo a Gottfried Leibnitz e seu respectivo significado como um tipo de justificação de Deus para os seres humanos:

Quem se propõe a formular uma teodiceia abraça uma causa difícil. A teodiceia procura dar uma resposta à grande pergunta: "Por quê?". Seu objetivo é explicar por que um Deus justo permite a existência e a continuidade do mal. Tenta revelar os motivos e os propósitos de Deus para o sofrimento de modo que os ouvintes aceitem as ações de Deus diante do mal e do sofrimento como justificadas (KELLER, 2016, p. 128).

A profundidade da temática abordada em uma teodiceia faz com que essa seja uma tarefa extrema, complexa e desafiadora. Erickson demonstra bem a complexibilidade que envolve uma teodiceia:

Tem havido muitos tipos diferentes de teodiceias, ou seja, tentativas de mostrar que Deus não é responsável pelo mal. Na maioria dos casos [...] essas tentativas de solução trabalham reduzindo a tensão, modificando um ou mais dos três elementos que, combinados, causam o dilema: a grandeza de Deus, sua bondade e a presença do mal (ERICKSON, 2002, p. 184-185).

A elaboração de uma teodiceia em tese não é algo ruim, mas as modificações dos atributos de Deus na tentativa de justificá-lo perante o mal são perigosas.

Uma das teodiceias mais antigas é a teodiceia do livre-arbítrio desenvolvida por Agostinho de Hipona. Considerando o contexto de Agostinho a elaboração desta teodiceia foi uma solução alternativa para o problema do mal indo contra a solução dada pelo gnosticismo e o maniqueísmo, conforme McGrath:

O gnosticismo - incluindo sua variante, o maniqueísmo, que havia fascinado Agostinho em sua juventude — não tinha dificuldades para justificar a existência do mal. De acordo com essa teoria, o mal surgiu em razão da natureza essencialmente má da matéria. [...] Um aspecto central de muitos dos sistemas gnósticos era a ideia de um demiurgo — isto é, um semideus que era o responsável por haver criado o mundo, da forma como hoje o conhecemos, a partir da matéria preexistente. O lamentável estado do mundo devia ser atribuído às falhas desse semideus [...] Agostinho, entretanto, não poderia aceitar essa abordagem embora ela oferecesse uma solução fácil ao problema do mal, o preço intelectual a ser pago era, contudo, excessivamente alto. Para Agostinho, a criação e a redenção eram obras de um único e mesmo Deus. Portanto, era impossível atribuir-se à criação a existência do mal (MCGRATH, 2010, p. 345-346).

Agostinho elaborou a teodiceia partindo do pressuposto de que o mal sempre seria uma possibilidade, pois os seres humanos foram criados livres e a implicação de liberdade inclui contrariar a vontade de Deus. O mal só poderia ser evitado se os seres humanos não fossem livres, o que iria resultar em um universo mecanicista com seres sem um aspecto pessoal.

Quem defende a teodiceia do livre-arbítrio não enxerga Deus como o autor do mal, apenas como aquele que permite a existência do mal e o utiliza para fins benéficos os quais o ser humano não compreende totalmente. A origem do mal é atribuída à utilização de forma indevida da liberdade dada por Deus e essa utilização errada da liberdade é que resultou em tudo o que há de mal no mundo (SAYÃO, 2012, p. 27-29).

Keller afirma que a teodiceia do livre-arbítrio é atraente para o mundo ocidental, pois defende a liberdade e a autonomia. Entretanto essa teodiceia propõe apenas uma explicação para o mal e o sofrimento causado por seres humanos, ou seja, o mal moral, e deixa de lado o mal natural, que pode ser resumido a intempéries da natureza e doenças, o qual não é controlado pelos seres humanos. (KELLER, 2016, p. 131).

Os defensores desta teodiceia rebatem dizendo que o mal natural de certa forma também foi originado do erro do ser humano em relação ao livre-arbítrio, mas isso remete novamente à questão de que Deus é realmente obrigado a criar seres com a capacidade de escolher o mal. A obrigação de que Deus criasse seres com a capacidade de escolha do mal é definida por Keller (2016, p. 130-133) como "compreensão libertária do livre-arbítrio".

A questão de que se realmente Deus foi obrigado a criar seres com a capacidade de escolher o mal conduz a um paradoxo que se resume à seguinte questão: Se só houvesse a

possibilidade de se escolher o bem ainda sim existiria liberdade? A afirmação de que Deus foi obrigado a criar desta forma vai contra a soberania e a liberdade de Deus como criador (SAYÃO, 2012, p. 29).

No que diz respeito à questão da liberdade é preciso ressaltar que a noção de liberdade que se tem na atualidade é diferente da noção apresentada na Bíblia, pois na perspectiva bíblica o pecado e a busca em satisfazer os desejos da carne são apresentados como escravidão e não liberdade. A liberdade bíblica consiste em viver uma vida servindo a Deus e cumprindo seus propósitos, ou seja, quanto mais se pratica a maldade menos liberdade se tem. Parece soar contraditório, mas a verdadeira liberdade está em fazer bom uso do livre-arbítrio servindo a Deus (KELLER, 2016, p. 132-133).

Quando se tenta explicar a origem do mal através da liberdade alguns paradoxos surgem: como um Deus soberano pode ser obrigado a criar seres com livre-arbítrio? Como compreender um conceito de liberdade que envolve servir a Deus? A possibilidade de escolher o mal é liberdade? Se todo mal advém de escolhas morais erradas, como explicar o mal natural o qual não é originado necessariamente por escolhas morais erradas? A temática do livre-arbítrio é complexa e muitas vezes gera mais dúvidas do que de fato explica de modo convincente o porquê de Deus permitir o mal.

Luc Ferry faz uma crítica à tão aclamada liberdade como explicação dos males no mundo:

Um crente dirá, sem dúvida, que é o preço da liberdade, que Deus fez os homens livres e que o mal lhes deve ser imputado. O que dizer, porém, dos inocentes? O que dizer dos milhares de crianças martirizadas durante esses crimes ignóbeis contra a humanidade? Um filósofo acaba duvidando de que as respostas religiosas bastem (FERRY, 2012, p. 14).

A liberdade não é vista por todos os cristãos como explicação para a presença do mal no mundo. Conforme Keller (2016, p. 134): “se Deus tem bons motivos para permitir a dor e a infelicidade que nos cercam, os motivos devem ir além da mera provisão do livre-arbítrio.”.

Uma outra teodiceia que surgiu com o passar do tempo é conhecida como teodiceia da lei natural elaborada por C. S Lewis e Richard Swinburne. A principal ideia dessa teodiceia é de que existe uma ordem natural no mundo que Deus criou e quando essas leis não são respeitadas alguma consequência virá. A grande problemática desta teodiceia é que nem sempre o sofrimento ocorre devido ao agir contrário às leis que regem o universo “As pessoas não morrem somente quando caem de um despenhadeiro, mas também quando o despenhadeiro

desaba numa avalanche e soterra transeuntes inocentes". Como então explicar o sofrimento aleatório? (KELLER, 2016, p. 134).

Em relação à teodiceias existem algumas elaboradas com tamanha complexidade como a teoria da plenitude a qual propõe que Deus criou vários universos e distribuiu a maldade de maneira igual para todos estes universos. Outras teodiceias são simples como, por exemplo, a teodiceia da punição a qual afirma que todo o sofrimento pode ser justificado pelo fato de que o homem se rebelou contra Deus e por isso merece passar por sofrimento e dor, mas a grande falha desta teodiceia consiste em propor uma punição injusta a qual é independente da bondade ou maldade praticada pela pessoa (KELLER, 2016, p. 135-136).

Sayão vai além e destaca as teodiceias: pedagógica, escatológica, protelada e de comunhão. A teodiceia pedagógica não tem uma preocupação em explicar a origem do mal, mas tem seu foco nos possíveis resultados benéficos que o sofrimento pode trazer, ou seja, o sofrimento ajuda em um maior desenvolvimento e maturidade no aspecto humano. A falha desta teodiceia é o fato de que não são todas as vezes que o sofrimento produz algo benéfico. A escatológica afirma que no futuro a resposta para o sofrimento vai ser encontrada e a justiça e injustiça vão ter suas recompensas, mas um ponto falho que surge de imediato é a falta de uma resposta para o sofrimento atual (SAYÃO, 2012, p. 29-31).

A teodiceia protelada destaca a soberania e a bondade de Deus em contraste com a limitação do entendimento humano. O argumento principal é de que no presente o homem não compreenderá por que Deus permite o mal. Cabe ao homem ter fé e confiar na soberania e na bondade de Deus. Já a teodiceia de comunhão destaca que o sofrimento pode aproximar a pessoa de Deus. O sofrimento é encarado como uma oportunidade para que aconteça uma profunda comunhão entre Deus e o homem, porém essa teodiceia falha em explicar por que existe sofrimento imerecido (SAYÃO, 2012, p. 29-31).

McGrath destaca ainda algumas construções recentes no campo das teodiceias como a da teologia da libertação, teologia do processo e a teodiceia de protesto:

A teologia da libertação desenvolve uma abordagem específica em relação à questão do sofrimento, baseando-se em sua ênfase sobre os pobres e oprimidos [...] De acordo com essa perspectiva, interpreta-se a sequência dos eventos da cruz e da ressurreição em termos da presente luta contra o mal, que é conduzida sob a consciência da vitória final de Deus sobre todo o sofrimento e sobre tudo aquilo que o causa (MCGRATH, 2010, p. 348).

Essa teodiceia é positiva no sentido de dar esperança aos oprimidos, mas se mostra problemática na ênfase demasiada sobre pobres e oprimidos e acaba deixando de lado as demais pessoas que também sofrem. A teologia do processo atribui:

A origem do sofrimento e do mal no mundo à existência de uma limitação radical sobre o poder de Deus. De acordo com essa ótica, Deus pôs de lado sua capacidade de coagir, conservando apenas sua habilidade de persuadir. A persuasão é vista como um meio de exercer o poder de forma que os direitos e a liberdade das outras pessoas possam ser respeitados. Deus, em cada ponto do processo, é obrigado a persuadir para que as pessoas ajam da melhor maneira possível [...] As guerras, a fome e os holocaustos não são coisas que Deus deseja; no entanto, não são fatos que Deus possa impedir, em virtude da radical limitação imposta ao poder divino. Assim, Deus não é responsável pelo mal; nem pode ser afirmado, de maneira alguma, que Deus deseje ou aceite tacitamente sua existência. (MCGRATH, 2010, p. 348).

Essa abordagem se mostra positiva em demonstrar Deus como alguém que leva em consideração à liberdade humana, mas na tentativa de justificar Deus perante o mal, acaba por limitar e condicionar Deus a ponto de dizer o que Deus pode ou não fazer. E por fim a teodiceia de protesto:

Uma [...] corrente no pensamento atual acerca do sofrimento inspira-se em temas do Antigo Testamento. Escritores judeus, como Elie Wiesel, conservando pelo menos os vestígios de uma crença na virtude fundamental de Deus, apontam para as inúmeras passagens do Antigo Testamento que protestam contra a presença do mal e do sofrimento no mundo. Essa abordagem foi adotada por diversos escritores cristãos, entre eles John Roth, por quem foi denominada de “teodiceia do protesto”. O protesto em questão é visto como parte da resposta leal e confiante de um povo fiel diante de seu Deus, em face das incertezas e ansiedades que existem em relação à presença e aos propósitos de Deus no mundo (MCGRATH, 2010, p. 348).

A maneira como Wright e Sayão abordam o problema do mal se assemelha a teodiceia do protesto a qual se diferencia das demais, pois parte em busca de uma solução por meio de como Deus é retratado na narrativa bíblica na luta contra o mal. Esse tipo de abordagem diminui grandemente a chance de modificar os atributos do Deus bíblico com o intuito de justificá-lo perante o mal e o sofrimento.

As teodiceias mesmo juntas explicam parte do sofrimento, mas não explicam o porquê da existência de todo esse sofrimento que cerca a humanidade. Conforme Keller “é muito difícil afirmar que qualquer uma delas prova, de modo convincente, que Deus está totalmente justificado em permitir toda a maldade que observamos ao redor”. Se as teodiceias não resolvem a questão, o que fazer? (KELLER, 2016, p. 135).

Keller sugere que os cristãos não se ocupem em produzir outras teodiceias, mas que simplesmente façam uma defesa:

A defesa se exime da responsabilidade de contar uma história completa revelando os propósitos de Deus ao decretar ou permitir a maldade. Ela simplesmente busca provar que o argumento do mal contra Deus é falho, que os cétricos não conseguiram provar seu ponto de vista (KELLER, 2016, p. 136).

Se as teodiceias não conseguem resolver o problema do mal de maneira convincente e não conseguem justificar Deus principalmente no que tange ao sofrimento injusto, o que a perspectiva cristã tem a dizer sobre o sofrimento? O sofrimento é sempre justificável? O sofrimento é sempre ruim? Deus precisa de tanta defesa assim?

3 PERSPECTIVA CRISTÃ SOBRE O SOFRIMENTO

A sociedade atual ocidental desenvolveu uma cosmovisão a qual rejeita constantemente o sofrimento, de acordo com Keller:

O sentido da vida no mundo ocidental é a liberdade individual. Não há bem maior do que o direito e a liberdade de escolher o que você acha que é bom. [...] Mas se o sentido da vida é a liberdade e a felicidade do indivíduo, então o sofrimento não tem "utilidade" possível. Para essa cosmovisão, a única coisa a fazer com o sofrimento é evitá-lo a qualquer preço, ou, se ele for inevitável, administrar e minimizar os sentimentos de dor e desconforto o máximo possível (2016, p. 38).

A falta de utilidade do sofrimento na atualidade faz com que visões seculares como a de Dawkins, autor do livro: *River out of Eden: a Darwinian view of life*, venham a surgir: "As pessoas se debatem tanto com o sofrimento porque não aceitam que ele nunca tenha algum propósito. Ele é irracional, não é ruim nem bom, pois categorias como o bem e o mal não fazem sentido no universo em que habitamos". O sofrimento realmente não significa nada? (KELLER, 2016, p. 35).

Nem sempre a visão sobre o sofrimento foi igual a atual, conforme Keller. "As culturas tradicionais buscavam dentro delas as maneiras de ser edificadas pelo sofrimento. Todavia, no Ocidente, as pessoas em geral se sentem indignadas com o sofrimento e tentam mudar coisas exteriores para que ele não se repita". Segundo Keller demonstra C. S. Lewis resumiu bem essa diferença entre as culturas:

Para os sábios do passado, o problema fundamental era conformar a alma à realidade, e sua resposta para isso foi conhecimento, autodisciplina e virtude. Para [...] a modernidade, o problema é como curvar a realidade aos desejos do ser humano: a solução é uma técnica... (Lewis, 2005, apud KELLER, 2016, p. 42).

Este breve panorama de Lewis mostra uma grande mudança no modo de se encarar o sofrimento ao longo da história ocidental.

A perspectiva cristã propõe uma visão particular sobre o sofrimento e se diferencia em alguns aspectos das demais religiões e cosmovisões, de acordo com Keller:

O cristianismo ensina, diferentemente do fatalismo, que o sofrimento é algo avassalador; diferentemente do budismo, que o sofrimento é real; diferentemente do carma, que o sofrimento é quase sempre injusto; mas, diferentemente do secularismo, que o sofrimento tem sentido. Ele tem um propósito e, se enfrentado da forma correta, pode nos mergulhar profundamente no amor de Deus e em tamanha estabilidade e poder espiritual como nunca imaginamos existir. Sofrimento - o budismo nos diz para aceitá-lo, o carma nos diz para pagar esse preço, o fatalismo nos diz para suportá-lo corajosamente, o secularismo nos diz para evitá-lo ou solucioná-lo. Do ponto de vista cristão, todas essas visões culturais do sofrimento têm um elemento de verdade. Os que sofrem precisam mesmo deixar de amar excessivamente as coisas materiais. E, sim, a Bíblia afirma que, em geral, o sofrimento difundido pelo mundo acontece porque o ser humano se afastou de Deus. E, de fato, precisamos enfrentar o sofrimento e não permitir que ele nos derrote. O secularismo também está certo quando nos adverte a não ser receptivos demais a condições e fatores que fazem mal às pessoas e que devem ser mudados (KELLER, 2016, p. 46-47).

O ponto de vista cristão embora seja em alguns aspectos oposto às demais cosmovisões não descarta e ou exclui totalmente a visão das demais culturas. Apesar dessa relação com outras cosmovisões, Keller defende no que diz respeito ao sofrimento, o cristianismo possibilita um suporte maior para o indivíduo: "O cristianismo, embora de fato tenha dificuldades com o mal, se sai muito bem em comparação com as visões alternativas" (2016, p. 124).

Ferry discorda de Keller e coloca todas as religiões como insuficientes como suporte na luta contra o sofrimento e na busca por salvação propondo que a solução ocorre através da filosofia: "A filosofia, diferentemente das grandes religiões, vai prometer nos ajudar a nos 'salvar', a vencer nossos medos e inquietações, não por intermédio de Outro, de um Deus, mas por nós mesmos, por nossas próprias forças, fazendo uso de nossa simples razão" (FERRY, 2012, p. 29).

É questionável se a razão é um meio de salvação, pois sem entrar no mérito religioso já é possível rebater a ideia de Ferry. Basta olhar para a história ocidental e ficará visível que a razão não cumpriu a salvação esperada, pelo contrário foi utilizada em nome do progresso como base para massacres como Auschwitz e o holocausto nazista:

Auschwitz destruiu — alguns pensariam que para sempre — a ideia de que a civilização europeia era um lugar onde a nobreza, a virtude e a razão humanizadora poderiam se desenvolver e se propagar. As profundas raízes do Holocausto, encontradas em várias correntes do pensamento europeu — até mesmo no próprio Hegel, que considerava o judaísmo uma manifestação do tipo errado de religião — precisam ser desfeitas e desconstruídas (WRIGHT, 2009, p. 21).

Mesmo com os desastres causados pela razão humana muitos ainda a consideram o meio de salvação. Os ateus apontam o mal e o sofrimento como culpa de Deus e retiram a culpa do ser humano e sua razão progressista a qual impulsiona essas barbáries.

Uma maneira de desconstruir os conceitos errados sobre o sofrimento e o cristianismo é observar a perspectiva bíblica. No Antigo Testamento (AT) quando se fala em sofrimento é imprescindível considerar "dois equilíbrios fundamentais. O sofrimento é tanto justo quanto injusto. Deus é ao mesmo tempo soberano e sofredor" (KELLER, 2016, p. 180).

No livro de Gênesis o sofrimento é colocado como consequência do pecado por meio do qual o ser humano rejeitou a Deus. Em Gênesis 3.17 é descrita a realidade do mundo pós-queda, de acordo com Keller (2016, p. 181): "A descrição é praticamente uma lista de todas as formas de sofrimento, incluindo alienação espiritual, aflição psicológica, conflito e crueldade interpessoal e social, desastres naturais, enfermidade e morte". Inicialmente o sofrimento resulta em castigo e os primeiros a receberem esse castigo foram Adão e Eva (Gn 3.23,24). Keller (2016, p. 182) demonstra que o sofrimento como juízo se estende pela Bíblia como, por exemplo, no livro de Provérbios na chamada justiça retributiva "Deus recompensa e castiga povos e indivíduos com base em seus atos ou simplesmente permite que pessoas colham as consequências naturais do que plantaram".

A ideia de Wenham complementa a de Keller, pois destaca o sofrimento como uma retribuição, ou seja, quando se trata do pecado, Deus desestimula e pune essa prática através do sofrimento. Neste sentido, o sofrimento faz parte de um sistema retributivo colocado por Deus com o intuito de frear o pecado e os males que vêm por consequência (WENHAM, 1985, p. 59).

A retribuição em si é boa, no sentido de limitar o pecado, mas muitas vezes ela não se dá de modo imediato, pois aquele que pratica o pecado parece não sofrer dano algum. Para algumas pessoas o fato de muitas vezes não ser visível uma ação imediata de Deus contra um sofrimento injusto, leva a negação da onipotência Divina, mas a narrativa bíblica demonstra que essa aparente demora entre o pecado e sua punição pode ser positiva, no sentido de que é dado ao pecador uma oportunidade maior para que este se arrependa, e, para os cristãos injustiçados, essa demora atua como maneira de aprofundar a fé e a confiança em Deus (WENHAM, 1985, p. 75).

Porém existe uma tendência em dizer que todo o sofrimento está ligado a algum tipo de pecado, conforme Keller:

A história de Jó é o exemplo mais notório disso. O sofrimento dele é maior que o de seus amigos. Portanto, cheios de si, os amigos concluem que a vida moral de Jó deveria ser inferior à deles. Como o livro mostra claramente, essa era uma crença arrogante, cruel e errada, fortemente condenada por Deus no final do livro (KELLER, 2016, p. 183).

O autor enfatiza que o sofrimento pode assumir a forma de injustiça ou mistério, ou seja, nem sempre se consegue compreender o porquê daquele sofrimento específico. Para o ser humano na maioria das vezes é um mistério como o sofrimento se manifesta.

O mal não é distribuído de modo proporcional e justo. Pessoas ruins não têm vidas piores do que pessoas bondosas. E, claro, pessoas boníssimas muitas vezes sofrem terrivelmente. Jó é um exemplo disso, e Jesus — o “Jó” por excelência, o único sofredor total e verdadeiramente inocente — é outro (KELLER, 2016, p. 183).

Vale destacar que a complexidade do sofrimento e de suas causas não permite que todo sofrimento seja encarado da mesma forma, de acordo com Keller: "Enquanto Provérbios enfatiza a justiça do sofrimento e mostra que grande parte dele está diretamente relacionada à transgressão, Jó e Eclesiastes mostram vividamente que grande parte dele não está" (KELLER, 2016, p. 184).

O autor demonstra o sofrimento como inimigo de Deus e enfatiza que a missão de Jesus “era enfrentar o mal e acabar com ele”.

Porém, como já vimos, o mal está enraizado de tal forma no coração humano que, se Cristo viesse com poder para destruí-lo onde quer que o encontrasse, teria de nos destruir também. Em vez de vir ao mundo como um general à frente de um exército, ele veio em fraqueza e caminhou em direção à cruz, para pagar por nossos pecados (KELLER, 2016, p. 188).

Na perspectiva bíblica sobre o sofrimento, Keller destaca duas importantes verdades a quais não podem ser esquecidas:

Se nos esquecermos da primeira verdade – que, de modo geral, o sofrimento é justo —, cairemos em uma autocomiseração arrogante e rancorosa que despreza com veemência a bondade e até mesmo a existência de Deus. Se nos esquecermos da segunda verdade — que, individualmente, o sofrimento muitas vezes é injusto —, correremos o risco de cair na armadilha da culpa desmesurada e na crença de que Deus certamente nos abandonou. Esses ensinamentos da Bíblia põem fim a dois tipos de reação: à que poderíamos chamar de reação “Tenho ódio de ti” — uma raiva debilitante contra Deus — e à reação “Tenho ódio de mim” — uma culpa debilitante e sentimento de fracasso pessoal. Esse equilíbrio — de que Deus é justo e fará a justiça final, mas que, enquanto isso não acontece, a vida muitas vezes é imensamente injusta — nos impede de cometer erros fatais (KELLER, 2016, p. 190).

Para viver em meio a este paradoxo entre um sofrimento que é justo e injusto ao mesmo tempo existe a necessidade de ser sábio e estar preparado para a realidade a qual o mundo se encontra (KELLER, 2016, p. 190).

Agir com sabedoria diante do sofrimento se mostra algo complexo. Isto se deve muitas vezes pelo fato do sofrimento injusto causar grande repulsa e revolta, mas uma maneira de enxergar algo de positivo quando um sofrimento injusto se manifesta é a ideia da solidariedade corporativa de Wenham, pois o sofrimento pode ser um poderoso atuador que estimula o ser humano a desenvolver um senso de responsabilidade com o seu semelhante, ou seja, se torna possível estabelecer um parâmetro para as ações como indivíduo sabendo que as ações boas ou más trazem consequências para outras pessoas. Neste sentido, de maneira positiva o sofrimento leva o indivíduo a refletir sobre suas atitudes antes de executá-las e isso é benéfico para o grupo como um todo (WENHAM, 1985, 77-79).

Wenham ajuda a compreender de maneira mais ampla o significado do sofrimento na perspectiva cristã, pois além de limitar a prática do pecado e ajudar no senso de comunidade, o sofrimento é limitado em sua intensidade e tempo de duração, ou seja, a realidade do sofrimento é transitória e não estará presente na eternidade. Enquanto às pessoas vivem na terra o sofrimento também atua como um estímulo na vida espiritual contribuindo para o amadurecimento do cristão e por fim o sofrimento é manifesto como um bem maior que vem de encontro à humanidade, ou seja, por meio do sofrimento de Cristo na Cruz o mal foi vencido (WENHAM, 1985, 59-85).

É preciso considerar o sofrimento de Cristo para um entendimento mais aprimorado sobre o sofrimento, pois essa realidade revela o paradoxo do Deus soberano e sofredor, ou seja, a descrição do Deus bíblico é mais profunda do que a do argumento filosófico o qual se limita a descrever Deus como poderoso e bondoso. A soberania vai além da onipotência e mostra que Deus comanda toda história de sua criação e a bondade e amor de Deus mostram um Deus que veio até o mundo e sofreu intensamente (KELLER, 2016, p. 190).

Segundo Keller outro aspecto importante para compreender o sofrimento é a soberania de Deus também chamada de compatibilismo:⁶

⁶ Uma grande dificuldade é compreender como a vontade de Deus e a liberdade humana se relacionam, normalmente se opta pela visão do Calvinismo ou a do Arminianismo, de acordo com Berckhof: "A dificuldade deste problema levou alguns a negarem a presciência das ações livres (**Extremo do Arminianismo**) e outros a negarem a liberdade humana (**Extremo do Calvinismo**). É perfeitamente evidente que a Escritura ensina a presciência divina de eventos contingentes. [...] Além disso, ela não nos deixa em dúvida quanto à liberdade do homem. O certo é que ela não permite a negação de nenhum dos dois termos do problema. É nos levantado um problema aqui, que não podemos resolver plenamente, conquanto seja possível aproximar-nos de uma solução" (BERKHOF, 2007, p. 59). Na tentativa de conciliar as duas realidades surge o compatibilismo que: "sustenta que

A Bíblia ensina que Deus está totalmente no controle do que acontece na história, mas exerce esse controle de tal forma que os seres humanos são responsáveis pelas atitudes que escolhem livremente e pelos resultados que elas acarretam. Portanto, a liberdade humana e a direção de Deus nos acontecimentos históricos são totalmente compatíveis (KELLER, 2016, p. 191).

A soberania de Deus e a escolha humana muitas vezes parecem se opor principalmente quando se fala em sofrimento, mas de um modo que o ser humano não compreende de alguma forma elas são compatíveis, um exemplo desta realidade foi a crucificação de Jesus:

O sofrimento, portanto, não está fora do plano de Deus, mas faz parte dele. Em Atos 4.27,28, os discípulos oram a Deus: “Pois, nesta cidade, eles de fato se aliaram contra o teu santo Servo Jesus [...] Herodes, mas também Pôncio Pilatos com os gentios e os povos de Israel; para fazer tudo o que a tua mão e a tua vontade predeterminaram que se fizesse”. O sofrimento e a morte de Jesus foram um grande ato de injustiça, contudo também faziam parte do plano estabelecido por Deus (KELLER, 2016, p. 193).

Os planos de Deus unem tanto o a liberdade humana e a soberania divina e não são frustrados pelo sofrimento, conforme Keller:

De maneiras surpreendentes, muitos versículos bíblicos entrelaçam o livre-arbítrio à soberania divina. Em Gênesis 50.20, José explica como a maldade de seus irmãos em vendê-lo como escravo foi usada por Deus para um bem maior. “Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem, para fazer o que se vê neste dia, ou seja, conservar muita gente com vida”. Notem que José afirma que eles agiram mal —“planejaram” lhe causar dano, um ato deliberado. Mas ele também afirma que o plano de Deus prevaleceu, e o Senhor usou os problemas e sofrimentos para a realização de seus bons propósitos. A versão do Novo Testamento das palavras de José se encontra em Romanos 8.28: “Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam...” (KELLER, 2016, p. 194).

A partir do relato bíblico, é visível que os planos de Deus não são parados ou impedidos pelo sofrimento, de maneira surpreendente muitas vezes Deus se utiliza da maldade e do sofrimento em seus propósitos e as transforma em bondade.

A perspectiva cristã sobre o sofrimento envolve o paradoxo entre o sofrimento e a soberania: “Deus tem poder sobre o sofrimento; porém, entre as religiões mais importantes, a fé cristã é a única a ensinar que Deus também se tornou vulnerável e sujeito ao sofrimento. A outra face da soberania de Deus é o sofrimento do próprio Deus” (KELLER, 2016, p. 203).

A grande pergunta que normalmente envolve a questão do sofrimento é: qual é o propósito do sofrimento? Segundo Keller:

Às vezes, o objetivo do sofrimento é disciplinar e corrigir padrões errados (como no caso de Jonas, castigado pela tempestade); às vezes, seu objetivo “não é corrigir erros

a absoluta soberania divina é compatível com a importância humana e com decisões humanas reais” (GRUDEM, 2012, p. 279).

passados, mas prevenir erros futuros” (como no caso de José vendido como escravo); outras vezes, o único propósito do sofrimento é nos levar a amar Deus com mais fervor simplesmente por quem ele é, e, assim, encontrarmos paz e liberdade absolutas. Na ótica de Gregório, o sofrimento de Jó pertencia a esta última categoria (KELLER, 2016, p. 70).

Muitas vezes o sofrimento é enxergado como falta de amor pela parte de Deus, de acordo com Keller:

É verdade que não sabemos por que Deus permite que o mal e o sofrimento continuem a existir, ou por que são tão aleatórios, mas pelo menos agora sabemos qual não é o motivo. Não é porque ele não nos ama. Não é porque ele não se importa conosco. Deus está de tal forma comprometido com nossa felicidade suprema que se dispôs a mergulhar nas profundezas mais terríveis do sofrimento. Ele nos entende, ele sabe como nos sentimos e nos garante que tem um plano para acabar com todas as lágrimas (KELLER, 2016, p. 170).

O entendimento do que significa amor é imprescindível para entender o motivo pelo qual Deus permite o sofrimento: "O amor por sua própria natureza demanda o aperfeiçoamento do ser amado; que a mera 'bondade', que tolera qualquer coisa, exceto sofrimento em seu objeto, está, a esse respeito, no polo oposto do amor." O amor de Deus não permite que tudo seja como o ser humano quer, mas visa o aperfeiçoamento e neste processo de aperfeiçoamento existe espaço para o sofrimento. C. S. Lewis também destaca que: "o problema em conciliar o sofrimento humano com a existência de um Deus que ama só é insolúvel se atribuirmos um sentido trivial à palavra amor" (NICHOLI JR, 2005, p. 225).

Quando se banaliza e reduz o amor de Deus a um mero sentimentalismo o problema ganha força, mas ao mesmo tempo o Deus bíblico parece ficar distante e condicionado ao entendimento humano de como Deus deveria ser. O perigo de se afastar do Deus bíblico quando se busca respostas para o sofrimento é extremamente perigoso, de acordo com Wenham:

Quanto mais próximo se mantiver do ensino bíblico na sua totalidade, mais firme será sua posição. Se buscar abrigo numa doutrina de semicaos, se negar a queda, se tropeçar na eleição, se negar a retribuição, se considerar o cristianismo uma realidade restrita a esta vida, se repudiar o sofrimento como um meio de graça, se deixar de ver a morte de Cristo como um sacrifício [...] pleno, perfeito e suficiente para os pecados do mundo, [...] sairá perdendo intelectual e espiritualmente (WENHAM, 1985, p. 88).

Mesmo sem compreender a totalidade do sofrimento que o aflige direta ou indiretamente é preciso se firmar nas verdades bíblicas.

Mesmo o sofrimento aos olhos humanos muitas vezes sendo algo injusto e aparentemente sem justificativa, Deus em sua infinita soberania se utiliza do sofrimento para executar seus planos. Keller (2016, p. 116) enfatiza que "Um dos ensinamentos mais importantes da Bíblia é que praticamente ninguém alcança a grandeza ou encontra Deus sem sofrimento".

Em épocas de sofrimento Deus continua sendo digno de confiança. “A razão principal de os cristãos insistirem em que podemos confiar em Deus em meio ao sofrimento é que [...] o próprio Deus sofreu na carne” (MCCARTNEY, 1998, apud KELLER, 2016, p. 203).

Para o ser humano que sempre procura uma explicação para o sofrimento, compreender que tanto o sofrimento justo quanto o injusto são utilizados por Deus, o qual é soberano, justo e bom é extremamente desafiador. A realidade do sofrimento e do mal é gritante, então como ver um Deus justo diante deste quadro? Deus fica inerte perante o mal e o sofrimento?

4 PERSPECTIVA CRISTÃ SOBRE O PROBLEMA DO MAL

Para um cristão é extremamente desafiador “Entender e celebrar a bondade e a sublimidade da criação, e, ao mesmo tempo, entender e enfrentar a realidade e a seriedade do mal”. Na busca de uma solução para o problema do mal alguns erros podem aparecer: “É fácil “resolver” o problema amenizando um dos lados, dizendo que o mundo não é a boa Criação de Deus, ou que o mal não é tão ruim quanto dizem” (WRIGHT, 2009, p. 36).

Alguns buscam resolver o problema do mal justamente amenizando ou negando a realidade do mal:

Uma [...] solução proposta para o problema do mal rejeita a realidade do mal, tomando desnecessária toda justificativa de sua coexistência com um Deus onipotente e bom. Encontramos essa ideia em várias formas de panteísmo. A filosofia do Benedictus Spinoza, por exemplo, sustenta que existe apenas uma substância, e todas as coisas discerníveis são modos ou atributos dessa substância. Tudo é causado de uma forma determinista; Deus traz todas as coisas à existência na mais alta perfeição. Uma versão mais popular, mas consideravelmente menos elaborada, dessa solução para o problema do mal é encontrada na Ciência Cristã, que afirma que o mal em geral e, em particular, a doença, é uma ilusão; ele não é real. (ERICKSON, 2002, p. 185).

Estes reducionismos não resolvem a questão e são extremamente perigosos, pois não refletem a perspectiva bíblica sobre o assunto.

Para Wright (2009, p. 36), o problema do mal é maior do que uma mera questão filosófica e teológica, pois o mal atinge a sociedade em todas as esferas: “o fracasso em tratar do problema está na raiz de nossa perplexidade diante dos vários problemas complexos e urgentes, presentes nas esferas política e social”. Diante desta complexidade vale olhar para a perspectiva bíblica, observando a maneira que Deus trata desse problema no decorrer da história, esta é a proposta de Wright no seu livro “Mal e a Justiça de Deus” (*Id.*).

Inicialmente, segundo Wright (2009, p. 40), no Antigo Testamento existem três divisões acerca do mal: “Mal como idolatria e a consequente desumanização; o mal como a atividade

das pessoas perversas e o que elas fazem com os justos; e o mal como obra de “satanás” (palavra hebraica que significa ‘acusador’).”

É de extrema importância entender que: “

O que Antigo Testamento faz é falar intensamente, não sobre o que Deus diz a respeito do mal, mas sobre o que ele pode fazer, está fazendo e fará com relação a ele. [...] Ainda que o Antigo Testamento apresente uma teodiceia [...], não o faz nos moldes da filosofia atual, mas segundo uma narrativa de Deus e do mundo, especialmente da história de Deus e Israel.” (WRIGHT, 2009, p. 41).

É preciso ter em mente que o propósito do Antigo Testamento não é satisfazer a curiosidade e os questionamentos humanos em sua totalidade (WRIGHT, 2009, p. 41).

A narrativa bíblica mostra: "A maravilhosa história que compõe o Antigo Testamento começa com essa tripla declaração do problema e a repetida resposta de Deus. O mal precisa ser julgado, e com severidade" (WRIGHT, 2009, p. 46).

Para Wright, a ação de Deus em relação ao mal já é se inicia em Gênesis e se estende durante todo o AT:

O chamado de Abraão em Gênesis 12. Parece que Deus, o Criador, fez isso para tratar do problema evidente em Gênesis 3 (a rebeldia humana e a expulsão do Jardim), Gênesis 6 e 7 (a decadência humana e o dilúvio) e Gênesis 11 (a arrogância humana, a torre de Babel e a confusão das línguas). Dentro disso, encontramos uma segunda sequência de problemas: Israel, os filhos de Abraão, embora sejam os guardiões da promessa, tornam-se parte do problema. Dentro disso, encontramos uma segunda sequência de problemas: Israel, os filhos de Abraão, embora sejam os guardiões da promessa, tornam-se parte do problema. Isso se desenrola em uma narrativa extensa e épica, que vai dos patriarcas até o Êxodo, de Moisés até Davi, passando pelas turbulências da monarquia de Israel e se encerrando com o exílio. Ainda dentro desse nível, encontramos outra sequência de problemas: não foi apenas a raça humana que se rebelou, nem apenas Israel que falhou em sua tarefa, mas os indivíduos em geral, inclusive os israelitas, que se tornaram pecadores, idólatras e de coração endurecido (WRIGHT, 2009, p. 41-42).

Quando se analisa o AT de uma maneira ampla é possível ver um Deus que luta contra o mal, conforme Wright (2009, p. 47): "a visão maior é a soberania do Deus Criador, que continuará a agir no mundo até que a bênção substitua a maldição, o acolhimento tome o lugar do exílio, o ramo da oliveira brote depois do dilúvio e uma nova família seja criada, na qual as línguas estranhas possam novamente se unir".

O AT mostra a narrativa de Deus e seus propósitos salvíficos para com a sua criação. Neste sentido, Wright afirma:

Desde o Jardim, desde o lamento de Deus sobre Noé, desde Babel e Abraão, a história sempre girou em torno dos caminhos confusos que Deus teve de percorrer para tirar o mundo da confusão em que se meteu. De alguma forma, que tendemos a considerar ofensiva, Deus precisa sujar os pés de lama e manchar as mãos de sangue para colocar o mundo de volta nos eixos. Se declararmos, como muitos têm feito, que preferíamos que ele agisse de outra forma, enfrentaremos a questão reversa, ou seja: que posição elevada e inocente é essa em que nos colocamos, que nos permite olhar para baixo e fazer afirmações tão precisas sobre o assunto? (WRIGHT, 2009, p. 52).

Muitas vezes não é possível compreender por que Deus mancha suas mãos na luta contra o mal e, por consequência disso, a soberania de Deus é atacada: "Deus, algumas vezes, se coloca no caminho e intercepta o mal; mas que, exatamente por ser um Criador soberano, ele encontrará uma forma de agir, apesar de tudo, para cumprir os propósitos que tem para sua criação" (WRIGHT, 2009, p. 45) Vale destacar que a soberania de Deus na perspectiva bíblica abordada por Wright é demonstrada justamente pela ação de Deus acerca do mal e no cumprimento de seus propósitos, os quais não são interrompidos pelo mal.

Nem todos concordam com Wright e na tentativa de resolver o problema do mal acabam negando a onipotência de Deus:

Um modo de resolver a tensão do problema que estamos descrevendo é abandonar a ideia da onipotência de Deus. Essa concepção, chamada finitismo, é muitas vezes encontrada em dualismos tais como o zoroastrismo ou o maniqueísmo. Esses dualismos propõem que há dois princípios básicos no universo: Deus e o poder do mal. Deus está tentando vencer o mal, e o venceria, se pudesse, mas não é capaz de fazê-lo (ERICKSON, 2002, p. 185).

O grande problema está no fato de que um deus que não é onipotente se afasta drasticamente do Deus bíblico. A grande questão que muitas vezes sustenta a negação da soberania divina é o motivo pelo qual Deus não acaba com o mal, conforme Wright (2009, p. 48-49): "Não há resposta. Em vez disso, somos informados de que Deus conterá o mal, o restringirá, impedirá que chegue ao máximo de sua capacidade, e que até, em determinadas ocasiões, usará a maldade humana para realizar seus propósitos desconhecidos". Na perspectiva bíblica o mal não é um indicativo de que Deus não é soberano e é incapaz de vencê-lo, em sua soberania Deus não acaba totalmente com o mal, mas utiliza o mal e o torna em bem, ou seja, o mal está sujeito a Deus (Gn 50.20).

É de extrema importância compreender que o AT não busca responder os questionamentos filosóficos, de acordo com Wright:

Não há uma teoria sobre terremotos e outros "desastres naturais", embora, sem dúvida, os profetas se sentissem à vontade para identificá-los como advertências vindas do céu. [...] O Antigo Testamento jamais tenta apresentar o tipo de imagem que os filósofos querem, de uma ordem mundial explicada nos mínimos detalhes. Em nenhum momento a visão bíblica coincide com a visão simplista que muitos cétricos

presumem ser a opinião dos que creem, tendo Deus como um gerente todo-competente, dirigindo uma máquina imensa, e tendo que mantê-la sempre no funcionamento perfeito. O que nos é oferecido, em vez disso, é algo espantoso e mais misterioso: a narrativa do projeto divino de justiça em um mundo de injustiça. Esse projeto visa colocar a criação existente em seu devido lugar, não acabar com ela e fazer outra coisa. Por isso, Deus decidiu agir por meio dos seres humanos como eles são, embora o coração deles pense apenas no mal, e por meio de Israel, apesar de, desde Abraão, seus erros terem sido proporcionais aos seus atos de obediência. Tanto a narrativa mais ampla quanto os momentos isolados dentro dela mostram o padrão da ação divina: julgar e punir o mal e estabelecer limites para ele, sem acabar com a responsabilidade e a participação das pessoas; além de prometer e realizar novas manifestações de graça, que constituem a nova criação, mesmo que grande parte dessas manifestações sejam, necessariamente, cobertas de ambiguidade. Não se trata exatamente do fator livre-arbítrio tão aclamado pelos que tentam explicar ou defender Deus (ele nos deu livre-arbítrio, então é tudo culpa nossa); é mais um “compromisso de ação” firmado por Deus, baseado na afirmação taxativa de que a criação continua sendo basicamente boa. Deus não desfaz a boa criação, mesmo que ela tenha agido errado. Portanto, ele agirá dentro do mundo que criou, afirmando que esse mundo é sua criação distinta, mesmo enquanto a coloca no rumo certo (WRIGHT, 2009, p. 63, 65).

Tendo em mente o argumento filosófico Lewis enfatiza que: “precisamos antes entender o que queremos dizer, quando usamos termos como 'alegre', 'bom', 'todo-poderoso' ou 'onipotente'. Se dermos a estas palavras o seu sentido popular, escreve Lewis, então 'o argumento não tem resposta'" (NICHOLI JR, 2005, p. 224). O problema do mal nos moldes filosóficos é de certo modo relativo, pois depende da interpretação que é dada aos atributos de Deus. Em consequência a este relativismo existem visões que buscam solucionar o problema do mal com a negação ou modificação da bondade de Deus:

Um [...] modo de diminuir a tensão do problema é modificar a ideia da bondade de Deus. Poucos (ou nenhum) dos que se consideram cristãos negariam a bondade de Deus, mas há os que, pelo menos por implicação, insinuam que a bondade deve ser entendida de forma levemente diferente do que se costuma. Um dos que entram nessa categoria é Gordon H. Clark. Calvinista dedicado, Clark não hesita em usar o termo determinismo para descrever Deus causando todas as coisas, inclusive os atos humanos. Com respeito à relação entre Deus e algumas ações más dos seres humanos, ele chega a afirmar: "Quero afirmar muito franca e incisivamente que se uma pessoa fica bêbada e atira na família, era vontade de Deus que ela o fizesse" (ERICKSON, 2002, p. 185).

No mesmo sentido Wright vai mais a fundo e afirma que: "O problema do mal, como concebido pela filosofia clássica, não tem solução, porque tende a postular outro deus que não o Deus revelado em Jesus Cristo" (WRIGHT, 2009, p. 144-145). Na tentativa de solucionar o problema muitos acabam criando um deus diferente do Deus bíblico o que é um problema ainda maior .

Wright (2009, p. 83) demonstra que do mesmo modo que no AT o Novo Testamento (NT) não tem o propósito de dar uma explicação do mal nos moldes exigidos pela filosofia,

mas "Trata-se da história de um evento em que o Deus vivo lida com o mal. O Deus bíblico age contra o mal e continua a agir contra o mal por meio de Jesus Cristo, conforme Wright:

A história do Getsêmani e da crucificação de Jesus de Nazaré se apresentam no Novo Testamento como a conclusão estranha e sombria do que Deus faz diante do mal, do que acontece com a justiça divina quando ela assume a forma humana, quando ela suja os pés de lama no jardim e as mãos de sangue da cruz. As múltiplas ambiguidades dos atos de Deus no mundo se reúnem na história de Jesus (WRIGHT, 2009, p. 65).

A cruz é ponto central na questão do problema do mal, conforme Wright (2009, p. 87): "O "problema do mal" não é apenas uma questão "cósmica", tem a ver comigo. E Deus resolveu isso na cruz de seu filho, o Messias". O autor também destaca que "a oferta de perdão feita por Deus, resultante da derrota do mal na cruz, significa que o próprio Deus, o sábio Criador foi, enfim, absolvido". A grande questão que surge é: se o problema foi resolvido na cruz e Deus foi absolvido, como o mal ainda aflige e ainda faz com que muitos se revoltam contra Deus? (WRIGHT, 2009, p. 125).

Mesmo Deus tendo resolvido o problema do mal na cruz, acusações ainda são feitas, pois este mundo ainda sofre com o mal:

A questão [...] é que, no novo mundo, Deus estará livre das acusações morais do mal não resolvido, e nós também estaremos. Paulo escreveu em Romanos 6.14: "O pecado não os dominará". Isso funciona como promessa não apenas sobre a vida moral presente, mas também sobre a felicidade completa no futuro. É assim que seremos libertos do mal, é assim que a oração do Pai-Nosso será finalmente respondida (WRIGHT, 2009, p. 127).

A absolvição completa de Deus e a extinção das acusações por parte do ser humano só vão ocorrer no futuro no novo mundo. A perspectiva do já e do ainda não ajuda a entender essa realidade: "Mas se o antigo passou e o novo chegou, por que o mal e a morte permanecem no mundo? [...] Segundo Paulo, o reino já está aqui pelo fato de que a morte de Jesus encerra o antigo e sua ressurreição inaugura o novo. [...] O reino ainda não chegou para nós em sua plenitude." O reino de Deus já chegou, mas ainda não está manifesto de maneira plena, por essa razão o mal ainda está presente (BARTHOLOMEW; GOHEEN, 2017, p. 229).

Surgem certas dúvidas em como lidar com o mal diante da realidade do reino de Deus o qual ainda não está manifesto plenamente. Muitas vezes a resposta dada aponta em apenas para uma solução futura, conforme Wright:

Não basta afirmar que um dia Deus fará um novo mundo onde não haverá mais pranto nem dor; isso não confere justiça por todo o mal posterior. Não chegaremos a uma solução satisfatória para o problema do mal simplesmente pelo progresso, como se,

contanto que a geração final seja feliz, toda a desgraça das gerações anteriores pudesse ser ignorada ou até justificada (WRIGHT, 2009, p. 85-86).

A afirmação do autor parece ir contra a esperança de que um dia não haverá mais dor, mas a advertência está em não usar essa esperança futura como justificativa para o mal. Tendo em vista a dificuldade em agir enquanto o reino de Deus ainda não é presente em sua plenitude o chamado do evangelho é de extrema ajuda, conforme Wright:

O chamado do evangelho é para a Igreja implementar a vitória de Deus no mundo por meio do amor sofredor. A cruz não é apenas um exemplo a ser seguido, é um feito a ser exercitado, posto em prática. Porém, não deixa de ser exemplo, porque é o molde, o modelo para o que Deus quer fazer agora neste mundo, por seu Espírito e por meio de seu povo. E o início do processo de redenção, em que o sofrimento e o martírio são os meios paradoxais para se alcançar a vitória. [...] A cruz foi, e continua sendo, um chamado para outra vocação, uma nova maneira de lidar com o mal e, acima de tudo, uma nova visão de Deus (WRIGHT, 2009, p. 88).

A igreja é o meio pelo qual Deus quer agir no mundo e implementar a vitória de Jesus sobre o mal, ou seja, por meio de Jesus a solução veio e agora a responsabilidade de enfrentar o mal e de levar esta solução está nas mãos da igreja. De acordo com Wright:

Em Jesus, o futuro de Deus penetrou no presente, e a tarefa da Igreja é implementar essa conquista e assim antecipar esse futuro. Descobri, em meu trabalho durante os últimos anos, que essa estrutura escatológica da missão da Igreja é a forma mais eficaz que conheço de entender os desafios, as possibilidades e os limites do que devemos fazer aqui e agora (WRIGHT, 2009, p. 92).

É um grande desafio para igreja atuar de forma prática na luta contra o mal, Keller apresenta dicas de como a igreja pode ser relevante neste quesito para a comunidade local onde está inserida:

Para começar, você ou sua igreja deveriam fazer um levantamento das necessidades de sua cidade. Existem ali crianças em grande situação de desvantagem (abusadas, negligenciadas, incapacitadas física ou mentalmente, indo mal na escola) que poderiam ser ajudadas? Há idosos, deficientes, famílias sem pai ou mãe, enfermos crônicos, imigrantes carentes de qualquer tipo de ajuda? Existem à sua volta famílias pobres que lhe são invisíveis? Para se inteirar dessas necessidades, cristãos e igrejas precisam dar mais atenção aos líderes da comunidade (KELLER, 2013, p. 138).

Além de fazer esse levantamento a igreja precisa começar a desenvolver atividades para enfrentar a realidade do mal. O autor alerta para o perigo de ser passivo na luta contra o mal:

Não devemos ficar passivos diante de calamidades e infortúnios. Se uma mudança na política pública conseguirá impedir que determinada desgraça se repita, vamos nos empenhar para que a mudança seja feita. Contudo, ao mesmo tempo, é de vital importância entender que essas medidas nunca serão suficientes. Neste mundo, a dor

e o mal estão amplamente difundidos, são profundos e têm raízes espirituais. Não há como reduzi-los a causas empíricas que podem ser isoladas e eliminadas por completo. [...] Não importa o que façamos, o sofrimento humano e o mal não podem ser erradicados. Mesmo quando nos empenhamos ao máximo para impedi-los, eles simplesmente tomam outra forma e crescem de um jeito novo. Para enfrentá-los, precisamos mais do que recursos terrenos (WRIGHT, 2016, p. 115).

O fato de não ser possível erradicar o mal completamente, humanamente falando, não pode ser utilizado como desculpa para a estagnação, ou para ficar apenas na busca de soluções intelectuais e teóricas. Conforme Wright:

Parte da tarefa cristã no presente consiste em antecipar essa escatologia, fazer uso do futuro de Deus para mudar as situações no presente, desfrutar o sabor da libertação completa do mal, aprendendo como suavizar as amarras do mal no presente (WRIGHT, 2009, p. 130).

Nessa tarefa cristã é preciso compreender que a chave para a busca de soluções práticas para o problema do mal é a justiça de Deus. Pensando na justiça Divina a qual é restauradora e curadora não faz sentido permanecer na estagnação e apenas no aspecto intelectual do problema, conforme Wright:

Buscar uma solução é mais do que procurar uma resposta intelectualmente satisfatória sobre o motivo da existência do mal. Implica procurar meios para que a justiça curadora e restauradora do Deus Criador, que um dia permeará toda a criação, seja trazida à existência, antecipando a realidade final, para o mundo presente de espaço, tempo, matéria e para as realidades conturbadas da vida e das sociedades humanas (WRIGHT, 2009, p. 133).

Levando em consideração a questão da justiça, Sayão através de um estudo aprofundado do problema do mal baseado no livro de Habacuque chegou a uma conclusão semelhante à de Wright:

O justo é uma resposta concreta e prática da parte de Deus com respeito ao problema do mal. Isso quer dizer que a questão do mal não é tanto teórica ou teológica, mas sim vivencial. A esperança de uma sociedade melhor, sem injustiça está na figura do justo (WRIGHT, 2012, p. 144).

De modo semelhante ao aspecto vivencial abordado por Sayão, Wright afirma: "Se preocupar com o mal como sendo um problema da filosofia ou da teologia se torna uma atividade desarticulada; é como chorar sobre o leite derramado em vez de pegar um pano e limpá-lo" (WRIGHT, 2009, p. 133). É preciso envolvimento prático dos cristãos para solucionar o problema do mal, afinal o que tem sido feito em relação a este problema que aflige

todo o mundo? Apenas teorias e discussões ou atitudes práticas que procuram levar a justiça de Deus? (*id.*).

O mal é presente e não deve ser reduzido a apenas uma questão filosófica: "De fato, esse é um aspecto delicado do 'problema do mal'. O mal não é apenas um enigma filosófico; é uma realidade que perambula pelas ruas e destrói as vidas, os lares e os bens das pessoas" (*id.*).

Afinal a solução para todo o tipo de mal está nas mãos do ser humano? Neste sentido a conclusão de Sayão é esclarecedora:

Ele pode não ser a resposta divina para todo tipo de mal, mas, o justo que encarna a prática do bem é a "resposta" contra o mal ético praticado no mundo. Que seria de Judá (e do mundo) sem os que perseveram na justiça? Que será do mundo se todos se voltarem para a prática da justiça? A maneira de "resolver" o problema do mal é "ser justo", pois esse "viverá" [...] Conforme se vê em 2.3, a visão virá a se cumprir "em tempo determinado" e fala "do fim". Deus agirá com justiça, mas no seu próprio tempo. Encontramos aqui traços de uma escatologia imanentista. [...] Essa perspectiva, longe de ser alienadora, entende que o divino domina a história e que a levará a bom termo. Além disso, podemos dizer que a esperança num futuro de intervenção divina pode funcionar numa perspectiva teísta, como um motor da história: Já que tudo, apesar das aparências, está sendo conduzido para um final adequado, tenho esperança para com a minha vida. (SAYÃO, 2012, p. 144-145).

O justo é colocado como resposta divina principalmente em relação ao mal ético o qual permeia a realidade até o retorno de Jesus, mas a solução definitiva para o mal como um todo cabe a Deus, o qual a executará no tempo determinado por Ele.

Tanto Wright, como Sayão, vinculam a solução do problema do mal relacionando com o estabelecimento da justiça de Deus por meio da Igreja de Cristo na qual se encontram os justos.

Somos chamados não apenas a entender o problema do mal e a justiça de Deus, mas também a ser parte da solução. Somos chamados para viver tendo a cruz e a ressurreição de um lado e o novo mundo de outro. Crendo na conquista do primeiro e aprendendo a imaginar o segundo, somos chamados a reunir ambos em oração, santidade e ação no mundo como um todo (WRIGHT, 2009, p. 115).

O Deus bíblico não só luta contra o mal durante toda a narrativa bíblica, mas o venceu pessoalmente por meio da obra de Jesus Cristo na Cruz. O reino de Deus o qual já foi inaugurado chama cada cristão para fazer parte da solução do problema do mal, suavizando com ações práticas o mal e sofrimento que tanto aflige a humanidade. Quem irá responder a esse chamado?

CONCLUSÃO

A existência do ser humano está repleta de sofrimento e maldade, o que gera, em muitas pessoas, constante revolta contra Deus e até mesmo a negação de sua existência. A temática se arrasta durante a história da humanidade e se tornou mais evidente com o advento do Iluminismo, o qual ocasionou uma inversão de posições, onde o ser humano passou a ser o centro e passou a questionar e a duvidar de Deus.

O argumento filosófico coloca o mal como objeção à existência de Deus e pode ser dividido em lógico, evidencial e visceral. O argumento lógico perdeu a sua força. Então o argumento evidencial foi estruturado como seu substituto, mas se mostrou mais fraco que o lógico. Estes dois argumentos tratam da questão filosófica do problema do mal a qual não é a principal origem da negação de que Deus existe. A principal fonte de negação vem do argumento visceral, ou seja, advém de uma experiência pessoal em que o indivíduo foi atingido de alguma forma pela maldade e sofrimento presentes no mundo.

O problema do mal além de se manifestar de maneira filosófica, se manifesta de maneira teológica, religiosa e como produto da história da sociedade ocidental o que mostra como o problema é abrangente. Infelizmente o foco normalmente recai sobre o argumento filosófico, o que é problemático, pois as demais manifestações do problema são deixadas de lado.

O fato de o ser humano se revoltar com o mal e evitá-lo é algo que aponta para a existência de um Deus bom. Mesmo o indivíduo se revoltando contra Deus e duvidando de sua existência, de algum modo indiretamente, admite que Deus existe e o modo como Deus tem agido tem o incomodado. Neste quesito, uma questão válida é analisar se uma vida sem Deus resolve o sofrimento e o mal enfrentados pelo indivíduo e pelo mundo. Se ignorar Deus resolvesse a questão, então como explicar a continuidade dos acontecimentos em que o mal e sofrimento mesmo depois da negação de Deus continuam a atingir o indivíduo?

Diante da problemática do mal, surgem as teodiceias as quais visam demonstrar respostas que justifiquem um Deus que permite o mal e o sofrimento, apesar de ele ser justo, todo poderoso e bondoso. O deus relatado no argumento filosófico não é o mesmo relatado na Bíblia e isto explica por que o enigma filosófico não tem uma solução plausível e é neste sentido que nenhuma teodiceia consegue de maneira convincente resolver a questão do mal e Deus proposta pela filosofia. O argumento filosófico deixa de lado aspectos importantes sobre o Deus, apresentados na narrativa bíblica, como por exemplo, Deus como sendo glorioso, majestoso, sábio, criador e mantenedor de todas as coisas e soberano. Na tentativa de justificar

Deus e diminuir a tensão entre Deus e o mal, as teodiceias muitas vezes acabam se afastando do Deus bíblico, o que cria outro problema.

Levando em conta que o que faz as pessoas negarem a Deus normalmente não é o argumento filosófico, não faz sentido gastar todas as forças elaborando teodiceias enormes e complexas. Se alguém deseja responder a estes argumentos, que apresente apenas uma defesa da fé, pois o ônus da prova recai sobre o cético.

As teodiceias são limitadas e é de extrema importância olhar primeiramente para a Bíblia como um todo e deixar que ela fale por si sobre o sofrimento e o mal. A Bíblia relata que o sofrimento é justo no que tange às consequências do pecado, mas ao mesmo tempo é injusto e nem sempre é causado por algum tipo de pecado. O sofrimento aponta para a Soberania de Deus o qual o utiliza conforme seus propósitos.

Diferente de outras perspectivas, na perspectiva cristã o sofrimento é enxergado muitas vezes como algo benéfico, pois é um meio de conter a prática do pecado, de desenvolver um senso de comunidade, de alcançar maturidade espiritual e aponta para a cruz de Cristo mostrando que a vitória sobre o mal se dá por meio do sofrimento injusto de Jesus.

Além do paradoxo do sofrimento justo e injusto, a narrativa da Bíblia apresenta Deus como soberano e sofredor, pois Deus por meio de Cristo se identifica com o ser humano e sofre de maneira injusta para colocar em prática seu plano de resgate da criação no qual seu amor e justiça caminham lado a lado. O sofrimento não é falta de amor de Deus para com suas criaturas, mas muitas vezes é utilizado para crescimento do indivíduo e aproximação de Deus. Nem sempre é compreensível ao ser humano o porquê de determinado sofrimento, mas uma certeza permanece, a de que Deus é Soberano e está no controle de tudo, apesar do sofrimento. A perspectiva cristã se destaca ao oferecer um sentido para o sofrimento, esperança e um Deus soberano o qual compreende o sofrimento, e, ele sendo soberano, também sofreu.

Para o desapontamento de muitas pessoas, a Bíblia não tem o propósito de desenvolver teorias que expliquem completamente como o mal surgiu, por que Deus permitiu e nem a razão de todo o mal e sofrimento no mundo. Mas, o Deus bíblico é apresentado como um Deus que desde o começo lutou contra o mal ao ponto de o próprio Deus se encarnar em Jesus Cristo para derrotar o mal na Cruz. Ali, a justiça de Deus agiu contra o mal e resolveu o problema de uma vez por todas.

Embora o reino de Deus tenha sido inaugurado por Jesus, ainda não está presente em sua plenitude. Neste meio tempo em que se aguarda a segunda vinda de Cristo e a manifestação plena do reino de Deus, os cristãos são chamados a serem parte da solução do problema do mal.

Por meio de Jesus existe um chamado para viver conforme Ele viveu, e isto inclui, de maneira prática, buscar meios para lutar contra o mal e o sofrimento, que atinge em cheio a criação de Deus.

Muitas vezes se espera que o próprio Deus dê um fim no mal e no sofrimento e Ele fará isto no futuro, mas no decorrer de toda narrativa bíblica, aparece um Deus que escolhe agir através de pessoas e isto permanece ainda hoje. Se o problema do mal e do sofrimento incomoda tanto, é preciso agir de maneira prática e não ficar apenas desenvolvendo teorias na esperança de resolver o problema ou amenizá-lo. Os cristãos representam a figura do Justo e a eles cabe a tarefa de fazer parte da solução divina sobre o problema do mal!

REFERÊNCIAS

ALSTON, William P. *The inductive argument from evil and the human cognitive condition. Philosophical Perspectives* 5, 1991.

ANDERSEN, Francis I. **Jó**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984.

BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O Drama das Escrituras**: encontrando nosso lugar na história bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2017.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Cultura Cristã, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CONTE, JAIMIR. Prefácio. Em: HUME, David. **História Natural da Religião**. São Paulo: Unesp, 2005.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

FERRY, Luc. **Aprender a Viver**: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**: atual e exhaustiva. São Paulo: Vida Nova, 2012.

HICK, John. *The Problem of Evil. In Encyclopedia of Religious Knowledge*. Ed. Mircea Eliade. Nova York: Macmilan, 1967.

HUME, David. *Dialogues concerning natural religion*. Ed Richard Popkin. Cidade: Hackter Pub, 1980.

MACKIE, J. L. *Evil and omnipotence*. Mind 64, n. 254 (April 1955), citado em Alvin Plantinga, Warranted Christian belief (Oxford University Press, 2000).

KELLER, Timothy. **Caminhando com Deus em meio à Dor e ao Sofrimento**. e-Book. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, Timothy. **Justiça Generosa**: a graça de Deus e a justiça social. São Paulo: Vida Nova, 2013.

LEWIS, Clive Staples. **Christian reflections**. Grand Rapids: Eerdmans, 1967.

LEWIS, Clive Staples. **Deus no Banco dos Réus**. São Paulo: Thomas Nelson, 2018.

LEWIS, Clive Staples. **O Problema do Sofrimento**. São Paulo: Vida, 2006.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática**, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2010.

NICHOLI .JR, Armand M. **Deus em questão**: C. S. Lewis e Freud Debatem Deus, Amor, Sexo e o Sentido da Vida. Viçosa: Ultimato, 2005.

PESSANHA, José Américo Motta (org.). **Os Pensadores**: Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio. Abril, 1985.

PLANTINGA, Alvin. *Warranted Christian belief*. Oxford, Oxford University Press, 2000.

SAYÃO, Luiz. **O Problema do Mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.

WENHAM, John W. **O Enigma do Mal**: podemos crer na bondade de Deus? São Paulo: Vida Nova, 1985.

WRIGHT, Nicholas Thomas. **Deus e a Pandemia**: uma resposta cristã sobre o coronavírus e suas consequências. e-Book. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

WRIGHT, Nicholas Thomas. **O mal e a Justiça de Deus**: mundo injusto, Deus justo? Viçosa: Ultimato, 2009.